

Como será a indústria farmacêutica em 2030?



Um dos aspectos positivos que deixou o coronavírus é a possibilidade de levar experiências a lições práticas, não somente para prevenir uma crise futura, mas também para melhorar todo o espectro da saúde e da prestação de serviços. Como consequência da crise, os especialistas em saúde começaram a pensar no futuro da medicina e em como tornar o paciente cada vez mais o foco central de tudo.

Na construção de um futuro focado no paciente, a indústria farmacêutica tem um papel fundamental, pois tem que encontrar maneiras de personalizar os medicamentos para as pessoas, enquanto pesquisa e desenvolve novas ferramentas e medicamentos. Então, tendo esses elementos como ponto de partida, como poderá ser a indústria farmacêutica em 2030? Como será a pesquisa e o desenvolvimento?

Estas foram as perguntas respondidas por alguns especialistas da indústria em 28 de outubro em um evento virtual organizado pela Rede Europeia de Dados e Evidência Médica (EHDEN, por suas siglas em inglês). Houve também um consenso geral entre os especialistas de que as informações - ou dados - permitem um desenvolvimento melhor e mais oportuno dos medicamentos. Dentro desta coleta de dados está a participação da inteligência artificial e a reformulação dos ensaios clínicos.

Os dados: o ponto-chave para a mudança

No evento virtual foi mencionado que, até 2030, a indústria farmacêutica será impulsionada por três níveis de integração: produtos e serviços, dados e tecnologia. Estas três pontos terão um impacto positivo na experiência e na trajetória dos pacientes, pois são as ferramentas que adaptam os medicamentos e tratamentos a cada paciente, explicou Magda Chlebus, que faz parte da equipe da Federação Europeia das Indústrias e Associações Farmacêuticas (EFPIA).

Por exemplo, a pesquisa e o desenvolvimento dentro da indústria serão baseados em informações mais reais e precisas. O denominador comum será fazer ensaios clínicos de plataforma (um ensaio onde vários tratamentos são testados simultaneamente), ensaios clínicos "basket" (onde um medicamento é testado em pacientes com diferentes tipos de câncer) ou ensaios clínicos em casa.

Os dados também ajudarão a entregar "muito mais do que apenas medicamentos", acrescentou Magda Chlebus, pois permitirão que eles cheguem antes a todos os pacientes, que as doenças sejam encontradas antes de os sintomas aparecerem e darão pistas sobre as melhores intervenções para cada paciente. Para conseguir isso, é claro, serão necessários dados de outros produtos e serviços, além da indústria farmacêutica, o que pressupõe a colaboração entre os diferentes atores do setor da saúde, algo que não parece ser muito fácil após a crise do coronavírus.

Entretanto, para ter todas as informações necessárias para satisfazer todas as necessidades dos pacientes, é necessário aprender a medi-las da maneira certa, explicou Kai Langel, técnico líder de pesquisa da Janssen.

Então, uma das ferramentas que facilitará mais esta medição será, por exemplo, se aproximar dos pacientes e de seus ambientes privados, pois é no dia-a-dia que será possível ter informações mais exatas. Nesse sentido, a coleta correta de dados permitirá o uso da

Inteligência Artificial (IA), porque "a dificuldade não é a informação, mas sim como ela é documentada", acrescentou Langel.

O ecossistema em torno das ferramentas tecnológicas

Não há dúvida de que a tecnologia está mudando rapidamente no século XXI. Na verdade, hoje, "as ferramentas necessárias para nos aproximarmos do paciente estão lá fora, mas não as aproximamos do pessoal da saúde", disse Kai Langel. Uma das ferramentas que será benéfica no futuro são os ensaios clínicos em casa, nos quais a pesquisa é levada a um ambiente mais privado que é controlado por meio da telemedicina.

Nesse sentido, Elizabeth Vroom, presidente da World Duchenne Organization, uma organização que aumenta a conscientização sobre a doença de Duchenne, disse que outra ferramenta que será comum em 2030 é que cada paciente tenha um espaço com suas informações. Então, ele decidirá a quem e como a compartilha, o que daria mais poder ao paciente.

No entanto, estas mudanças não acontecem da noite para o dia, mas é necessário criar consciência e, acima de tudo, ensinar tanto aos pacientes quanto aos médicos as possibilidades que as novas tecnologias geram. Por isso, é necessário estabelecer "o que é importante para o paciente e o que é relevante". Não podemos continuar fazendo perguntas genéricas a todos os pacientes", acrescentou Vroom, que representa os pacientes dentro do setor da saúde na Holanda.

Também precisamos acrescentar um treinamento nesta nova tecnologia e que os pacientes entendam que podem controlar quais tratamentos eles tomam e quais resultados estes tratamentos têm. De acordo com Nigel Hughes, líder do projeto EHDEN, esse treinamento evitará que haja uma "brecha digital nos pacientes e que um grupo fique sem acompanhar essa evolução". Assim, o objetivo das ferramentas será sempre encontrar um caminho mais curto para o diagnóstico, para o tratamento e para criar melhores resultados em todos os pacientes.

Além disso, é importante começar a implementar o que foi criado e que não fique apenas em testes pilotos, "não é necessário esperar até o final do teste piloto para ter uma grande publicação, em paralelo pode se começar a ter conversas com médicos, financiadores e tomadores de decisão", concluiu Magda Chlebus.

A relação de 2030 com os tomadores de decisão

Para que a indústria farmacêutica possa levar inovação para cada país, ela precisa passar por uma agência reguladora. Para que um medicamento seja aprovado, é necessário transmitir informações robustas e completas, entretanto, quando esse medicamento inclui novas tecnologias para ser medido, a aprovação se complica, pois "embora a tecnologia se movimente rapidamente, a integração nas esferas de tomada de decisão é dolorosamente lenta", disse Magda Chlebus da EFPIA.

A razão desta lenta transição estar acontecendo é que nenhum ator do sistema de saúde tem todo o conhecimento em suas mãos, então "esse conhecimento tem que ser co-criado", acrescentou Chlebus. Em 2030, isto exigirá um diálogo constante entre as agências reguladoras, os criadores e os usuários destas novas tecnologias, o que, com toda certeza, colocará à prova os usos da tecnologia.

Além disso, Vroom explicou que isto levará à criação de um "registro pós-comercialização" de cada um dos medicamentos, o que servirá para entender os efeitos que eles tiveram em cada um dos pacientes. Esta será uma forma mais holística de coletar dados dos quais os reguladores, a indústria e os pacientes podem se beneficiar.

Finalmente, para atingir as metas de 2030, a pesquisa científica deverá começar a se centrar no paciente, porque, como Nigel Hughes explicou, "as coisas funcionam para hoje, mas não para o futuro". Por isso, é necessário encontrar espaços comuns para a informação, torná-la acessível para quem precisa dela e ter um trabalho em equipe com os produtos e serviços que constituem o setor da saúde no mundo. Em resumo, o futuro da pesquisa e seu desenvolvimento será mais amplo, com mais atores, mas cada vez mais focado no paciente.

Fontes

[Basket Studies: An Innovative Approach for Oncology Trials](#)

[Basket trial](#)

[Efficiencies of platform clinical trials: A vision of the future](#)

[EHDEN What could the pharma industry look like by 2030?](#)

[Healthcare Transformation in the Post-Coronavirus Pandemic Era](#)

[The future of biopharma](#)